

TRAÇANDO RELAÇÕES ENTRE MAÇONARIA E EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Isabela Cristina Tavares da Silva (1).

(Universidade Federal de Pernambuco, E-mail: isabela.ctsilva@gmail.com).

Resumo: A pesquisa apresentada representa recorte da Dissertação de Mestrado *A visão educativa de Simón Rodríguez: uma análise de “Consejos de amigo, dados al Colegio de Latacunga”*, reconhecendo o intelectual venezuelano Simón Rodríguez como precursor da educação popular na América, durante o período colonial. Este trabalho tem como finalidade principal contribuir para o reconhecimento da importância desse personagem histórico no projeto de Libertação da América, percebendo a configuração da visão de educação por ele apresentada ao longo de sua trajetória como professor e proveniente de suas experiências e leituras, especificamente no seu documento *Luces y virtudes sociales*, posto em comparação com o escrito pedagógico *Emilio ou Da Educação*, de Rousseau, pelos aspectos de estrutura e conteúdo do texto, dado que Rodríguez o utiliza como base para a construção de sua concepção de educação popular, postulada em trabalho anterior como educação maçônica, caracterizada a influência direta da ideologia maçônica em suas produções, a exemplo, os textos *Sociedades Americanas* e *Consejos de amigo, dados al Colegio de Latacunga*. Para tanto, foram analisados fragmentos da obra que denotam aspectos didático-metodológicos e posicionamento filosófico de sua perspectiva de educação social. Como resultados percebeu-se que no escrito de Simón Rodríguez: a) conserva-se o caráter de literatura sapiencial presente em *Emilio*, e transferido a *Luces y virtudes sociales*; b) o texto de Rodríguez aparece como um exemplo de aplicação das reflexões teóricas iniciadas por Rousseau; c) o conceito de educação social, entende a sociabilidade como sua finalidade principal, preparando os jovens para a vida na República que pretende se estabelecer com a independência da América.

Palavras-chave: Educação Popular, Libertação da América, Maçonaria, Rousseau, Simón Rodríguez.

Introdução

Luces y virtudes sociales, de Simón Rodríguez foi publicado em 1990 na compilação produzida pela Biblioteca Ayacucho denominada *Sociedades Americanas*, reunindo entre os textos que compõem o volume, o resultado da publicação de *Luces e virtudes sociales* nos anos de 1834 e 1840. Notamos nesse texto de Rodríguez a perspectiva de educação permeada pela maçonaria, o que se confirma com a participação de Rodríguez nos ritos da maçonaria.

Apesar das publicações tomadas como referência pela Biblioteca Ayacucho possuírem datas posteriores ao processo de Libertação da América, Simón Rodríguez informa em um de seus escritos que as referências por ele utilizadas apresentam sua visão no decorrer do processo de Libertação, como expressa em *Sociedades Americanas* “Mi genio comunicativo, me ha hecho leer mis borradores a muchos – y mis borradores sobre la Instrucción Pública tuvieron principio, a fines del siglo pasado, en Europa, donde viví enseñando por espacio de muchos años” (RODRÍGUEZ, 1990, p. 153).

Com a finalidade de compreender o conceito de educação maçônica – termo cunhado durante a investigação – defendido por Simón Rodríguez, faremos breve exposição sobre a Maçonaria, sua ideologia e princípios, compreendendo quais pontos são latentes no movimento de Libertação, e por conseguinte, nos escritos dos participantes do movimento, sobretudo no caso de Simón Rodríguez em *Luces y virtudes sociales*, que servirá de base para analisar o desdobramento da ideia de educação em *Consejos de amigo, dados al Colegio de Latacunga*.

É escassa a literatura que explique de maneira detalhada os ritos e surgimento da maçonaria, por se tratar de uma sociedade secreta que transmite maior parte de seus saberes de forma oral, portanto, apresentamos aqui informações superficiais a respeito da maçonaria, proveniente das leituras atualizadas sobre o tema de Leadbeater (2012) e Vidal (2006). A origem da maçonaria não está bem delimitada de acordo com as referências utilizadas, dando margem para o estabelecimento de diferentes teorias ou Escolas, designadas pelos próprios maçons.

Metodologia

Leadbeater (2012) denomina os seguimentos pelo termo “escolas do pensamento maçônico”, dividindo-as em Escola Autêntica, Antropológica, Mística e Ocultista, enquanto Vidal (2006) parte de uma ideia cronológica (complementando assim, o esquema de divisão de Leadbeater) explicando as teorias de origem da maçonaria a partir de diferentes períodos, chamados pelo autor de teorias: megalítica, egípcia, iniciática, templária e medieval.

A Escola Autêntica “surgiu na segunda metade do século XIX em resposta ao desenvolvimento do conhecimento crítico em outros campos” (LEADBEATER, 2012, p. 14), e tem como meta principal a catalogação e pesquisa da história da maçonaria, tentando tornar acessível aos aprendizes - posição correspondente ao 1º grau da maçonaria – os registros encontrados. No entanto, sendo a maçonaria inserida na sociedade como uma organização secreta, muitos desses registros foram transmitidos oralmente nas Lojas, restando, portanto, pouco material para as investigações da Escola Autêntica.

Grande parte do material escrito utilizado nessas investigações, pertence às lojas operativas do rito escocês, datando sua origem em 1598, o que leva alguns historiadores maçons a afirmar que a Escola Autêntica associa a origem da maçonaria ao período da Idade Média. Essa Escola contribuiu para a moralização de algumas simbologias e cerimonial da maçonaria, inserindo-os nos rituais do cristianismo anglicano, a exemplo, a estrela de cinco pontas – parte do conjunto de símbolos pitagóricos – presente em “logomarcas” das igrejas anglicanas.

Propondo a junção entre descobertas antropológicas e história da maçonaria, a Escola Antropológica investiga rastros do conjunto simbólico da maçonaria nas informações sobre costumes e rituais dos povos antigos e modernos. Para essa Escola, a maçonaria não se origina em uma época definida, mas sim, caracteriza uma tradição propagada na Antiguidade, assim como em livros, tribos, templos etc.

Os pensadores da Escola Mística buscam conhecimento e evolução espiritual através das experiências vividas, sendo assim, os graus de avanço são alcançados pelo estado de consciência do aprendiz, obedecendo a um Manual para alcançar sua união com Deus, visando o desenvolvimento da intelectualidade aliado ao desenvolvimento da espiritualidade.

Já a Escola Oculta tem por objetivo “o estudo do conhecimento do lado oculto da natureza, por meio dos poderes existentes em todos os homens, mas ainda adormecidos na maioria da humanidade” (idem, p. 20). Os poderes existentes em todos os homens são acessados por meio do treinamento e da autoeducação, princípio adotado pelas propostas educativas lançadas no processo de Libertação, e vivenciado por vários Libertadores, dentre eles Simón Bolívar, educado em parte por Simón Rodríguez.

A teoria iniciática funda a relação entre a maçonaria e o Iluminismo, tendo como precursor Cristian Jacq, representante do homem das Luzes e como defensor principal, Thomas Paine, com as publicações *A era da razão* e *Origins of Free Masonry*, ambos com críticas aos cristãos que perseguiam os maçons, o que justificaria o mistério da organização como uma maneira de proteger-se de possíveis ataques.

Somando-se a esse fator, a fundação da *The Grand Lodge (Grande Loja Maçônica da Inglaterra)* em 1717 é considerada por muitos adeptos da maçonaria como o ato fundador da maçonaria especulativa, culminando na publicação das *Constituições de Anderson (1721)* – com o título original de *Book of Constitutions*, o primeiro “regimento” da maçonaria - devido a expansão da maçonaria proporcionada pela criação dessa Loja.

O texto adquire importância por delimitar a filosofia da maçonaria, assim como descrever a maneira que deve se portar um maçom, mostrando, além disso, as diretrizes centrais da organização secreta. Segundo Anderson “um maçom se entender corretamente a Arte, nunca será um ateu estúpido nem um libertino religioso” (1721 *apud*. VIDAL, 2007, p. 29). Essa afirmação indica a depreciação das posturas extremistas e as características de liberdade e laicidade da organização maçônica.

Com grande conotação e difusão da maçonaria no período iluminista, Vidal considera que a maçonaria atuou contra o Império Espanhol no movimento de Libertação da América como “um inimigo encarniçado” (2007, p.99), sendo San Martín, o personagem mais interessante para os maçons nesse processo, apesar da associação direta e de campo comum entre Bolívar e Libertação da América. Para Vidal a notoriedade de San Martín é atribuída ao fato do grande reconhecimento da memória do libertador na Argentina.

No mais, indícios apontam para o fato de que San Martín esteve em reunião com membros da loja *Gran Reunión Americana*, em Londres, inspirada na tentativa de revoltas do venezuelano Francisco Miranda contra a Espanha em 1806. Os membros que ali se reuniam tornam-se responsáveis pela fundação da *Loja Maçônica Lautaro*, na companhia de Carlos María de Alvear e José Matias Zapiola.

A Loja Lautaro ajudou a concretizar a realização de um dos sonhos de fundação maçônicos: a mudança no cenário político direcionado por um grupo de pessoas iluminadas destinadas a dirigir a nova sociedade, sendo a linguagem utilizada no regulamento da Loja, extremamente didática, para que funcionassem como instruções:

Os membros e fundadores da Loja Maçônica Lautaro eram conscientes de que numa sociedade pós-colonial na qual desapareceria, pelo menos em parte, a censura à imprensa, e na qual existiria, pelo menos formalmente, em um certo peso da opinião pública, o controle sobre essa seria essencial (idem, p. 103).

Resultados e Discussão

A tentativa de controle do poder do Estado sob as normas dessa elite fez com que os maçons estabelecessem diversas maneiras de governar, gerando, em certa medida, um caráter de incoerência com o que preconizara o movimento. Tal fato leva Bolívar a declarar seu desprezo por organizações secretas, que para ele, serviam apenas para trazer a ruína de uma sociedade e de seu governo.

Para a maçonaria, Deus – segundo as palavras de Anderson nas *Constituições* – é o Grande Arquiteto do Universo, sob essa perspectiva, existem vários segmentos de interpretação da ideologia, com o objetivo de alcançar a Deus, chamadas por Leadbeater de Escolas, como já mencionado. Entendemos que Simón Rodríguez e os demais envolvidos no processo de Libertação da América Latina, estariam associados à Escola Ocultista, dado que:

O escopo do ocultista é alcançar essa união [consciente com Deus] por meio do conhecimento e da vontade, treinar toda a natureza, física, emocional e interna, que possa ser empregada como um instrumento eficiente no grande plano que Deus criou para a evolução da espécie humana (2012, p. 20).

Seguindo esses princípios, Simón Rodríguez é apresentado oficialmente como professor de crianças em Caracas em 23 de maio de 1791, iniciando seu trabalho com Simón Bolívar no ano seguinte, quando faz uso da metodologia de conservação do estado natural da criança, denominada por estudiosos da educação pelo termo educação natural, indicada por Rousseau em *Emílio ou da Educação*. Acredita-se que essa perspectiva inserida por Rodríguez na formação escolar de Bolívar colabora para que o Libertador se torne um autodidata.

Na intenção de esclarecer o conceito de educação desenvolvido em Rousseau e sua perspectiva de educação natural nos baseamos na leitura de Claudio Almir Dalbosco sob o título *Educação natural em Rousseau: das necessidades da criança e dos cuidados do adulto*, ciente das tensões existentes ao redor da figura paradoxal que Rousseau representa dentro do movimento iluminista e de como essa característica aparece em seus escritos para compor o seu ponto de vista.

Por isso, alerta que o melhor modo de compreender as contribuições de Rousseau e sua originalidade no campo da Pedagogia, é concebê-lo como

[...] um crítico da razão que defende o regresso à natureza como retorno à interioridade humana. É como crítico da razão que pôde avaliar o modo como as crianças eram tratadas em sua época e, ao mesmo tempo, justificar a importância de serem respeitadas como criança, isto é, em seu próprio mundo (DALBOSCO, 2011, p. 113).

Para justificar seu ponto de vista, Dalbosco avalia e discute, indicando suas problemáticas, um a um os pontos de interpretação sobre a escrita de Rousseau, caracterizando assim, três posições. A primeira entende Rousseau na posição de otimista e ingênuo em relação ao futuro da humanidade, a segunda como defensor de um posicionamento primitivista, e a terceira como dialético da razão.

No entanto, antes de aprofundar-se nessa análise, o autor discorre brevemente sobre o movimento iluminista, afirmando que o Iluminismo francês exerceu maior influência no pensamento de Rousseau, tendo o mesmo, contribuído inclusive com alguns verbetes da *Enciclopédia*, de edição de Diderot e D'Alembert.

Admitindo as divergências de posicionamentos frente ao movimento iluminista dos diversos pensadores dele participantes, Dalbosco identifica algumas características comuns a esses pensadores, sendo elas: a crítica ao regime feudal e a hierarquia de poder estabelecida pelo clero e pela nobreza; o poder libertador da razão; “o exercício livre da razão” (idem, p. 114), tirando a humanidade do estado de trevas:

[...] não é menos evidente para todos esses pensadores que compete à razão assumir a direção do movimento de renovação política e social, a ela cumpre empunhar o facho. Só se encontrará a força bastante para vender o mal se este for totalmente esclarecido, levando as ‘Luzes’ até as suas causas e as suas fontes (CASSIRER, 1992, p.354 *apud.* DALBOSCO, 2011, p. 114).

O Iluminismo se tornou uma tentativa de esclarecer as engrenagens de poder exercidas pelas altas classes – clero e nobreza – com a justificativa de ajudar o homem a sair do campo do mítico passando ao campo da razão e da ciência, responsáveis, respectivamente, por elevar culturalmente o ser humano e ajudá-lo a conquistar as condições de felicidade com uma vida mais confortável, acreditando em uma melhoria social e econômica promovida pelos avanços científicos.

O Iluminismo francês coloca na razão o papel central da energia intelectual do movimento, portanto, apresenta suas nuances e diferenças constituintes para o alcance das condições de felicidade e da liberdade pela razão, marcado por um forte conflito entre a esperança por novas e desconhecidas alternativas e oportunidades e a angústia gerada pelas “catástrofes naturais e sociais eminentes” (idem, p. 115). O desenvolvimento do homem nesse conflito se dá através da educação.

“Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e do que precisamos quando grandes nos é dado pela educação”, afirma Rousseau (2004, p.9) uma das máximas do seu pensamento de educação natural, de que o homem é corrompido pela sociedade. Essa ideia vai de encontro à proposta da maçonaria que prevê a educação como o despertar das virtudes humanas pela natureza, proposta que nos dedicaremos a explicar na seção 2.3.

A respeito dessa força, Rousseau apresenta posição ambígua, pondo em cheque a razão como “poder para comparar, analisar e inferir” (DENT, 1996, p. 194 *apud.* DALBOSCO, 2011, p. 116) e, em contrapartida, apresentando a moralidade humana como razão universal, havendo uma relação entre as atitudes individuais, a noção de humanidade e de ordem cósmica.

A primeira interpretação de Rousseau compreende-o como um otimista simplificador da complexidade do movimento Iluminista e de sua diversidade de configurações a equação “razão humana mais ciência igual à felicidade” (DALBOSCO, 2011, p. 118), contudo, o próprio Rousseau afirma que o progresso das ciências é a da representação da degradação humana, na medida em que, quanto mais progride a humanidade, mais ela se afasta da natureza, o que nos leva à segunda interpretação.

Na segunda interpretação, o pensador é concebido como um primitivista “defensor do retorno humano ao seu estado natural e como um pensador nostálgico de uma sociedade idílica,

existente em um passado remoto” (idem, p. 119), embora, faz-se necessário compreender que sua defesa pela conservação do estado natural se dá em um primeiro ponto como compreensão de que avanços são progressivos – por isso respeita a maturação da criança – e em segundo, como crítica à artificialidade na qual se pautava a vida nas metrópoles:

[..] a defesa do retorno à natureza pode ser vista, neste sentido, como retorno à interioridade do homem, na qual reside seu núcleo de autenticidade, para avaliar sua própria vida em sociedade e o excesso de comparação destrutiva com os outros que ela lhe exige (idem, p. 121).

Na terceira interpretação, defendida como a mais coerente por Dalbosco, - e da qual partilhamos nesse trabalho para dar suporte ao pensamento de Simón Rodríguez, proveniente de sua aplicação da metodologia expressa em *Emilio ou da Educação* – compreende Rousseau como um crítico da razão, quer dizer, atua com a capacidade de conhecer os meios para conhecer a si mesmo, ou como Dalbosco descreve “a capacidade reflexiva de perceber as tensões e conflitos inerentes à vida humana e social e buscar contorna-los da melhor forma possível” (idem, p. 122).

Em sua teoria, Rousseau tenta promover a relação entre o sentimento e as dimensões da consciência – com estamentos de sentido humano e divino – para a compreensão de si mesmo, e por conseguinte, compreensão da coletividade, sendo todos partes constitutivas da natureza, promovendo o pensamento da relação entre o eu e o outro, a perceber que sem o entendimento do outro, não é possível entender-se. É nesse ponto que Rousseau é considerado original em seu pensamento, pois considera a subjetividade como uma maneira pela qual se pode analisar a sociabilidade.

Dentro da sua proposta de educação, esses aspectos se transparecem pela defesa de um estudante autônomo, consciente de sua aprendizagem e dotado de criticidade perante o mundo e a si mesmo mediado pelo professor “Tomai com vosso aluno o caminho oposto; que ele sempre acredite ser o mestre, e que sempre o sejais vós. Não há sujeição mais perfeita do que a conserva a aparência de liberdade; assim se cativa a própria vontade” (ROUSSEAU, 2004, p. 140).

Emilio ou da Educação é considerado inclusive pelo próprio Rousseau a sua obra-prima propagadora do pensamento de liberdade do homem. Afirmando Dalbosco: “Emilio tem como meta principal alicerçar tal autenticidade na liberdade jurídico-moral. Portanto, sem descaracterizar a liberdade natural, Emilio vê na liberdade moral a forma de assegurar a autenticidade da ação humana” (DALBOSCO, 2011, p. 129).

Em síntese, a base da educação pautada em princípios roussonianos, valorizando o “cuidado de si” está apoiada em três pilares: a criança, respeitada em seu processo de amadurecimento natural (e não de forma massiva e rápida, como proposto pela escola mutua), formada para a partir de sua autonomia, atuar em sua sociedade; o adulto, que cumpre a função de mediador-educador, na tentativa de auxiliar a criança a perceber as ferramentas pelas quais pode atuar em sua vida; a natureza, fonte dos saberes e mestre do conhecimento.

São esses pilares que Simon Rodríguez transfere à sua carreira docente, dedicada a defender os ideais revolucionários com o propósito de oferecer uma educação pública acessível a crianças e jovens de todas as classes e etnias, escrevendo um documento direcionado ao governo onde criticava o formato e qualidade da educação até então oferecida, como indica González “al acusar sin titubeo y con palabra franca, el maestro, no solo denuncia como rebelde, sino que parece un anticipador de lo que se hará en América una vez independiente” (2006, p. 22).

Conclusões

Sendo assim, é possível relacionar o postulado em pesquisa anterior intitulada *Simón Rodríguez y la educación masónica en “Luces y virtudes sociales”*, como educação maçônica com o delimitado por Rohden (2007) sob o termo educação do homem integral. Em sua obra o autor defende que a verdadeira educação deve possuir como método a autoeducação, instituindo dois postulados: a) “ninguém pode educar alguém” (ROHDEN, 2007, p. 17); b) “alguém só pode educar-se a si mesmo” (ibidem), o que exige a plena satisfação consigo mesmo. A educação passa a ser tratada na obra como arte e o educador-artista sabe reconhecer as potencialidades do educando, a partir de seu talento e sua intuição.

A educação verdadeira ou autoeducação fundamenta-se numa visão completa da existência integral do homem, ou seja, é necessário ao homem adquirir a consciência de que sua existência tem continuidade fora do corpo material (idem, p. 25). Para alcançar essa consciência é fundamental encontrar a felicidade que depende da vida em harmonia com as leis cósmicas que pedem “que o homem, mesmo aqui na Terra, viva em harmonia com a verdade, a justiça, a honestidade, o amor, a bondade, a fraternidade universal” (ibidem).

A partir desse princípio Simón Rodríguez faz em seu escrito *Luces y virtudes sociales* uma diferenciação entre as noções de instrução e educação como noções paralelas. Tais noções são definidas da seguinte forma:

[...] a instrução tem por fim fornecer ao homem o conhecimento de uso de objetos necessários para sua vida profissional. A educação tem por fim despertar e desenvolver no homem os valores da natureza humana [...]. O fim da educação é *criar* o homem integral e o Ego instruído no eu educado (idem, p. 29).

Referências Bibliográficas

DALBOSCO, C.A. *Educação natural em Rousseau*. Das necessidades da criança e dos cuidados do adulto. São Paulo: Cortez, 2011.

LEADBEATER, C.W. *Pequena história da maçonaria*. São Paulo: Pensamento, 2012.

ROHDEN, H. *Educação do homem integral*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

VIDAL, C. *Os maçons: a sociedade secreta mais influente da história*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.